

A PAZ E A GUERRA DO PRESIDENTE REAGAN

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 29.03.1983

No Brasil, preocupados com a crise econômica e na busca de soluções políticas para a crise de legitimidade do Governo, não damos, muitas vezes, a devida atenção a um problema fundamental do nosso tempo: o problema da paz mundial. Ao chegarmos a países que estão no centro do problema, como os Estados Unidos ou na União Soviética, entretanto, a questão da paz e das despesas militares assume suas verdadeiras dimensões, obrigando-nos a perder a perspectiva paroquial do Brasil.

Passando rapidamente por Miami, na última semana, tive uma experiência desse tipo. Liguei a televisão, e apareceram diante de mim fotografias aéreas de bases militares em Cuba e na Nicarágua, enquanto alguém falava sobre a corrida armamentista soviética na América Central. Não sabendo qual o canal que estava sintonizado, pensei: “deve tratar-se de uma emissora de TV local financiada por exilados cubanos fazendo propaganda anticomunista nos EUA”. E já ia mudar de canal, quando percebi que era o Presidente Reagan que estava falando à Nação. Não me restou outra alternativa senão ouvir atentamente seu longo, bem articulado e lamentável discurso.

Os jornais brasileiros já publicaram o seu resumo. Em sua parte final, o presidente norte-americano fala de maneira que ele pretendeu ser a mais persuasiva possível sobre o desenvolvimento de uma nova tecnologia militar defensiva, que anularia definitivamente a ameaça dos mísseis nucleares. Esta parte do discurso recebeu a maior atenção da imprensa porque era a novidade e também porque era a única coisa “agradável que foi possível ouvir. Na verdade, porém, o objetivo do discurso era o de convencer o povo norte-americano e assim pressionar o Congresso a aprovar um aumento de 10% nas despesas militares dos EUA. A tese fundamental era a de que é preciso reduzir as despesas sociais e aumentar as despesas militares para fazer frente à “superioridade militar soviética” e dar uma resposta ao “grande aumento das despesas militares da União Soviética nos últimos anos”. O Partido Democrata concorda com um aumento de 4 a 6%, mas o Presidente quer 10%.

A lógica absurda do pensamento conservador e militarista é terrível. Para garantir a paz, ou a ordem estabelecida, o aumento das despesas militares torna-se um imperativo. E o discurso, que pretende ser pacifista, torna-se, na realidade, violentamente militarista. Não se trata de um apelo à guerra, mas de um apelo à preparação para a guerra. E como a guerra é irracional, o apelo à preparação para a guerra também é ou torna-se irracional.

No caso do discurso do Presidente Reagan, por exemplo, a tese da superioridade militar soviética é extremamente discutível senão improvável, especialmente se se considera também o poder militar dos países europeus aliados aos Estados Unidos. Por outro lado, a tese de aceleração das despesas militares soviéticas conflita frontalmente com informações que fazem parte de um relatório publicado oficialmente pelo próprio governo norte-americano há duas semanas sobre as despesas e o poderio militar soviético. Segundo esse relatório, as despesas militares da União Soviética, que vinham crescendo a uma taxa de 3% ao ano, caíram, nos últimos quatro anos, para 2% ao ano.

Ao terminar de ouvir o discurso meu sentimento era um misto de indignação e medo. Porque a ameaça de guerra era óbvia; o caráter militarista do discurso, evidente. E nesse momento só me restou confiar no caráter essencialmente democrático da sociedade norte-americana. É a nossa maior garantia, embora não seja uma garantia total, contra a ameaça de guerra nuclear e a certeza do desperdício em um mundo cheio de pobreza, que estão embutidas na corrida armamentista.(29/03)